

“O ESPAÇO SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA AGRÁRIA”: BREVES CONSIDERAÇÕES

“THE SPACE ON THE PERSPECTIVE OF RURAL GEOGRAPHY”: BRIEF OBSERVATIONS

“EL ESPACIO EN LA PERSPECTIVA DE LA GEOGRAFIA AGRÁRIA”: ALGUNAS CONSIDERACIONES

Cleiton Costa Denez¹

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (PR), Unicentro, Campus de Guarapuava-PR. Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá, UEM. Membro do Grupo de Estudos de Geografia Agrária, Ruralidades e Território (GEAR).

Email: cleiton.denez@hotmail.com

Sergio Fajardo

Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (PR), Unicentro, Campus de Guarapuava-PR. Doutor em Geografia pela Unesp, Campus de Presidente Prudente. Líder do Grupo de Estudos de Geografia Agrária, Ruralidades e Território (GEAR)

Email: sergiofajardo@hotmail.com

RESUMO

O objetivo do presente artigo é construir uma análise relativa às diferentes abordagens conceituais e das matrizes empregadas para o espaço como objeto de estudo geográfico sob a ótica da geografia Agrária. Nesse sentido é considerada a influência das correntes de pensamento ou dos chamados paradigmas da Geografia como relevante para a compreensão do processo. Como resultado dessa reflexão teórico-epistemológica, constatamos que fatores de ordem política, econômica e social direcionaram as tendências conceituais da Geografia Agrária. A investigação do artigo revelou que nas últimas décadas o campo ganha destaque nas esferas política e econômica, afetando diretamente os rumos da subárea da Geografia Agrária.

Palavras-chave: Espaço, Geografia Agrária, Epistemologia da Geografia.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to construct an analysis on the different conceptual approaches and matrices used for space as an object of geographical study from the perspective of Rural Geography. Accordingly it is considered the influence of currents of thought or paradigms called Geography as

¹O presente artigo foi construído a partir de reflexões obtidas durante a pesquisa de Mestrado em Geografia da Unicentro, desenvolvida entre 2009 e 2011, sob o título “A produção e representação de estruturas territoriais: o caso do assentamento 08 de abril - Jardim Alegre/PR”, com a orientação do Prof. Dr. Sergio Fajardo.



relevant to understanding the process. As a result of this theoretical-epistemological factors, found that political, economic and social trends conceptual directed the Rural Geography. A research article revealed that in recent decades the field gained prominence in political and economic spheres, directly affecting the course of the subarea of Rural Geography

Keywords: Space, Rural Geography, Epistemology of Geography.

RESÚMEN

El propósito de este trabajo es construir un análisis sobre los diferentes enfoques conceptuales y matrices utilizados para el espacio como objeto de estudio de la Geografía, desde la perspectiva de la Geografía Agraria. En consecuencia, se considera la influencia de las corrientes de pensamiento o paradigmas de la Geografía como relevantes para la comprensión del proceso. Como resultado de la reflexión teórico-epistemológica, se concluye que los factores de políticos, económicos y sociales guió la Geografía Agraria. La investigación reveló que, en las últimas décadas, el campo ganó prominencia en las esferas política y económica, que afectan directamente el curso de la subárea de Geografía Agraria.

Palabras-clave: Espacio, Geografía Agraria, Epistemología de la Geografía.

1 INTRODUÇÃO

A Geografia ganha contornos de cientificidade por volta do século XIX, porém este ramo do conhecimento está presente desde as primeiras mudanças que o homem empregou em seu lugar de vivência. A Geografia científica muitas vezes foi abalada pela busca do seu objeto de estudo que ao longo do tempo foi delimitado como o espaço geográfico. Este termo está envolto por várias terminologias distintas e numerosas, segundo Corrêa, 2003 no “*Novo Dicionário Aurélio*”, o verbete é descrito com diversas acepções, tais como, espaço sideral, espaço topológico, espaço econômico, etc. Porém o espaço geográfico ou simplesmente espaço é vago.

Em termos geográficos, o espaço estaria ligado a uma porção específica da Terra com elementos naturais e com a presença das mudanças que o homem emprega neste. Porém uma definição da expressão espaço geográfico, ou do objeto de estudo da Geografia, que é definido como o espaço, é uma tarefa um tanto difícil pela multiplicidade de definições que este conceito abarca dependendo da corrente, escola ou matriz filosófica com o qual este conceito está delimitado.

Várias correntes contribuíram para o desenvolvimento do conceito de espaço como objeto para a Geografia. Estas contribuições começam com a escola alemã e francesa que são pioneiras no conhecimento geográfico a partir da corrente clássica ou tradicional da



Geografia. Após a corrente clássica outras vão se estabelecendo complementando e rompendo com as abordagens e métodos de estudo para a Geografia. Assim, na Alemanha ganha corpo a corrente Determinista Ambiental, cujo principal nome é Friedrich Ratzel, enquanto na França, como reação, surge e a corrente denominada Possibilismo. Ambas visões, essencialmente descritivas, não colocaram o espaço como principal categoria analítica da Geografia.

Já a chamada “Nova Geografia” (que teve outras denominações, como Modelística, Pragmática, Teórico-Quantitativa...) caminhou por uma abordagem metodológica quantitativa e matemática de análise de dados espaciais, em seguida a Geografia Radical se pautou em uma abordagem dialética do espaço movido pela divisão social do trabalho. A Geografia Fenomenológica e Culturalista que emergiram simultaneamente com a Geografia Radical, onde, a primeira se pautou na experimentação e vivência do espaço e a segunda na abordagem dos diferentes grupos que se espacializam e se identificam no espaço em suas territorialidades.

O presente artigo foi elaborado partindo de um referencial bibliográfico da Geografia Clássica até as tendências contemporâneas desta área do conhecimento. Pretende-se aqui construir uma análise da abordagem dos conceitos e matrizes empregadas para o espaço como objeto de estudo da Geografia contextualizando com as conjunturas que se projetaram ao longo do tempo fragmentando e multiplicando as definições para a conceitualização do espaço como objeto de estudo para a Geografia.

Com a divisão em subáreas do conhecimento geográfico e das especificidades da ciência, por exemplo, a dicotomia Geografia Física e Geografia Humana e as suas ramificações que com o tempo ganharam forma a partir do objeto de estudo central subdividindo-se em subáreas, da Geografia Física: Climatologia, Geologia, Geomorfologia, Biogeografia, Hidrologia; na Geografia Humana: Geografia Econômica, Culturalista, Política, Agrária e etc. Destaca-se aqui a Geografia Agrária e a sua contextualização com as correntes, matrizes filosóficas e com as abordagens teóricas e metodológicas do espaço. O espaço agrário (ou rural) em linhas gerais é abordado pelas correntes, clássica, quantitativa, radical e no seu contexto contemporâneo.

Realizaremos aqui, em um primeiro momento, um resgate sobre a abordagem do espaço em diferentes correntes e contextos históricos. Destacamos o sistema de ideias de Milton Santos para o espaço. Posteriormente, discutiremos a correlação entre os temas abordados na Geografia Agrária com as correntes do Pensamento Geográfico da Geografia.



Nesse sentido, influenciada pelas correntes positivistas e neopositivistas, as análises partem da descrição da paisagem e do habitat rural, direcionando-se depois para uma abordagem sistêmica do rural e das atividades econômicas. Com a influência do marxismo, e a utilização do Materialismo Histórico como método principal na Geografia, a partir do final da década de 1970 no Brasil, e, sobretudo, na década seguinte, como observaremos, o foco da geografia Agrária passa a ser as consequências do avanço capitalista no campo, a concentração da terra e da renda, o contexto das mudanças do campo como a modernização da agricultura, a Reforma Agrária e os movimentos sociais do campo.

Nessa direção, o percurso da Geografia Agrária tende, (nas décadas de 1990 e 2000) a orientar-se pela diversidade temática e, assim, outras categorias analíticas entram em cena. Especificamente, no caso do espaço, novas perspectivas são utilizadas. Por exemplo, as tendências do meio globalizado abordado por Denise Elias onde o espaço agrário, no contexto do meio técnico-científico-informacional, é dominado por relações dinâmicas e hegemônicas com a instalação do modelo produtivo do Agronegócio. Assim, a lógica do campo altera profundamente as relações do espaço levando este a uma metamorfose (ELIAS, 2007).

2 A EVOLUÇÃO DA GEOGRAFIA E A EMERSÃO DO CONCEITO DE ESPAÇO

O espaço como objeto de estudo da Geografia tem sido foco de debates entre geógrafos e tem sofrido transformações ao longo do tempo levando a uma evolução do seu conceito e a sua multiplicidade conforme as matrizes filosóficas e teóricas. No decorrer do desenvolvimento do pensamento geográfico surgiram diferentes perspectivas no comando da orientação da pesquisa que se mesclaram com a atualidade desta ciência. Num primeiro momento se destaca as correntes do conhecimento geográfico; Geografia Clássica, Nova Geografia, Geografia Radical, Geografia Humanística.

Na Geografia Clássica a influência do positivismo foi clara pelas dicotomias existentes como da Geografia Física e Humana quanto da Geografia Geral e Regional. Entendemos aqui que a essência do pensamento positivista é a redução dos fenômenos à um conteúdo físico e a um encadeamento, que faz as ciências interagirem ao redor deste conteúdo físico ao passo que as fragmenta por seus conhecimentos em diferentes campos e objetivos e métodos específicos



(MOREIRA, 2006. P. 27).As primeiras cátedras de geografia surgiram na Alemanha e na França respectivamente.

Na Alemanha a influência de Alexander Von Humboldt e Carl Ritter levaram a uma Geografia Naturalista. Na França onde se destacou os trabalhos de La Blache, com a abordagem da paisagem que já agregava o elemento humano, porém não o elemento humano de cunho social, caracterizando ainda as abordagens dos elementos naturais de forma predominante. A teoria de La Blache destaca o gênero de vida, a paisagem e a região. Assim, o conceito de espaço não está entre as preocupações centrais da Geografia, sendo apenas um referencial à questão locacional, implícita no fator geográfico.

La Blache, 1982, destacou o estudo das especificidades regionais e qual seria a função da geografia concebendo esta como um conjunto de vários elementos que caminham para a unidade terrestre. Em La Blache o estudo do todo se dá em partes com o estudo regional. É necessário lembrar que a Geografia como ciência se apropriou das ciências naturais como pode ser visto nos trabalho de Humboldt e Ritter, fortemente influenciados pelas ciências naturais, onde os estudos se pautaram na base física do meio. Esta geografia teve como essência a observação e a descrição da paisagem onde o homem era considerado como mero elemento do meio, sendo que a “geografia é a ciência dos lugares e não do homem” como afirmava La Blache, 1982.

O campo de estudo da Geografia é a superfície, este é o conjunto dos fenômenos que se produzem na zona de contato entre as massas solidas, liquidas e gasosas, que constituem o planeta. Este contato é o principio de fenômenos inumeráveis, sendo que apenas alguns estão definidos; ele age como um reativo para colocar em evidencia as energias terrestres. (LA BLACHE, 1982, p. 41).

A ideia de superfície de La Blache é formada pelo conjunto de fenômenos, esta superfície é onde ocorre a interação dos fenômenos que condiciona as diferentes formas na superfície como combinação de vários elementos que se adaptam uns aos outros. A superfície foi considerada como o objeto de estudo da Geografia, este conceito pode ser entendido como o espaço geográfico mesmo que a La Blache não utilize este termo. Ao enfocarmos os clássicos logo se evidencia a oposição das escolas alemã e francesa de Geografia onde La Blache organizou as bases para a corrente Possibilista em oposição ao Determinismo da escola alemã desenvolvida sobre os pensamentos Ratzelianos. Enquanto a corrente Possibilista concebia a natureza como fornecedora das condições para a modificação humana,



onde o homem é o principal elemento geográfico onde este se adapta ao meio e o modifica, o determinismo geográfico, que teve como precursor Friedrich Ratzel na Alemanha, entende o homem como um produto do meio, sendo o meio natural é entidade definidora da fisiologia e natureza e psicologia humana, este conceito levou ao espaço vital e se tornou uma justificativa para o expansionismo alemão (MORAES, 2003).

La Blache considerava sobre tudo os estudos sobre o gênero de vida onde a relação do homem com o meio natural ocorre em uma situação historicamente construída de equilíbrio, e ainda os estudos sobre a paisagem e região. A geografia lablacheana se pautou nas relações homem/natureza, mas não relação homem (social), por este determinante o fator natural é mantido feito pela análise da paisagem e pelas monografias regionais.

Ratzel, 1990, destaca três tarefas para a Geografia a de localizar a distribuição das plantas e animais na superfície, buscar explicações como se formou determinada área e a influência da natureza sobre o indivíduo. Nesta obra Ratzel incorpora o elemento humano à Geografia e busca as bases e razões para fundamentar-se.

Com a incorporação do homem a Geografia passa a considerar a relação espaço e tempo, já que o homem passa a ser um elemento determinante para a produção e reprodução do espaço. Mesmo com esta abordagem a Geografia Clássica se mantém nos mesmos moldes e métodos continuando com a descrição, classificação.

A ação humana sobre a superfície terrestre e a satisfação das necessidades de moradia e alimentação que levaram a elaboração de uma justificativa para expansão de territórios. Ratzel traz para a Geografia além do elemento humano as bases para o que seria a Geopolítica na sua obra: “*O Solo, a Sociedade e o Estado*” se avança o conceito de “espaço vital” o território era a condição da existência humana. Ratzel traz à tona a categoria território, um conceito, já utilizado em outras áreas do conhecimento como na Biologia, e que é ligado as relações de poder no espaço. Na sua abordagem tradicional, utilizada por Ratzel, este conceito estava ligada a uma área delimitada e constituída por um Estado, atualmente o território carrega uma multiplicidade de enfoques ligados a apropriação do espaço através das relações de poder podendo ser econômico, cultural, político em redes. Território é um dos conceitos que constitui a categoria de espaço juntamente com paisagem, região, lugar, redes, cada categoria esta associada a uma abordagem específica do espaço.

Ao agregar o elemento humano a Geografia já caminhava para a compreensão das transformações e para o advento de novos tempos em Hettner já há indícios que novas



abordagens estavam se adaptando para explicar estas novas realidades que emergiam. Segundo Christofolletti, 1982, Alfred Hettner considerava o objetivo fundamental da Geografia o estudo da diferenciação de áreas, este conceito foi acatado e elaborado por Hartshorne, em 1939. O mesmo Hartshorne, 1978, trabalha na definição da origem da Geografia de diferenciação de áreas e chegando a conclusão que este conceito esta na origem da própria Geografia.

A diferenciação de áreas não diferencia simplesmente, busca conexões e elementos para construir esta diferenciação. A noção de Hartshorne possibilita a manutenção do espaço sob a ótica da relação entre elementos naturais e sociais, mas, pela característica de unicidade, a geografia é desafiada em seu estudo científico, já que o método empregado não permitia a generalização. Em uma área pode ocorrer a combinação única de elementos naturais e sociais que organizam um determinado fenômeno.

Hartshorne é considerado um dos responsáveis pela transição para a renovação da Geografia. Moraes (2003, p. 85) denomina como *Geografia Racional* devido a menor carga empírica dessa corrente. Hettner, foi uma espécie de terceiro caminho para a *análise geográfica* no período de maior confronto entre o Determinismo e Possibilismo, propôs a Geografia como estudo de áreas. A geografia tem para ele, o objetivo de explicar as razões pelas quais as diversas porções da superfície terrestre se diferenciam.

O caráter singular das diferentes parcelas do espaço viria da forma particular de inter-relação entre os fenômenos aí existentes, cabendo á geografia descobrir e explicar. Hartshorne teve como maior característica a discussão epistemológica da Geografia. O Método Regional, criado por Hartshorne (obra data de 1939) entendia ser objeto específico da geografia a diferenciação de áreas que constituiria na própria regionalização, na consideração do conjunto de fenômenos heterogêneos que definiria cada espaço (CORRÊA, 2003).

A região seria produto mental obtido a partir do uso pelo pesquisador de critérios metodológicos para o recorte espacial. Hartshorne salientava a necessidade do estudo de casos individuais. A generalização viria depois com a comparação dos diferentes estudos.

Com a expansão capitalista pós Segunda Guerra Mundial houve uma rápida transformação no espaço geográfico e na sua forma de ser concebido, este período foi marcado por novas necessidades de planejamento por parte do Estado e das corporações que surgiam com a expansão do capital e com estas emergiam novas tecnologias que levaram por culminar em um novo método de abordagem: o teórico quantitativo de raiz neopositivista.

A Geografia deveria apresentar uma aplicação do conhecimento científico esta Nova Geografia segundo Faissol, 1972, daria a Geografia um caráter rigorosamente explanatório e em consequência uma capacidade preditiva.

O tempo e o espaço são as duas dimensões básicas da Geografia, e que o desenrolar do processo temporal gera uma estrutura formal, quando ela é analisada em seção transversal, e o efeito do espaço sobre as interações de lugar com lugar, gera um sistema organizacional próprio, que afeta e que é afetado pelo sistema estrutural procura-se analisar as relações entre estes dois sistemas, em um conjunto integrado de ações e reações, que formam um verdadeiro sistema de integração espacial e que por isso mesmo tem uma metodologia matemática que estabelece as relações dentro dos sistemas. (FAISSOL, 1972. p. 08/09).

Faissol, 1972, considera que os fenômenos geográficos ocorrem no espaço e evolui no tempo, a Geografia trabalhada por Faissol considerava duas dimensões unidas por um método estatístico que através de um sistema de representações e de organização é possível se levar em conta as relações que ocorrem no espaço. Neste ponto Faissol considera o espaço como o lugar de inter-relações sendo um conjunto integrado de ações e reações formando um sistema complexo.

A metodologia matemática daria maior confiabilidade e um fundamento unitário para a geografia em uma “concepção sistêmica que estabelece as relações dentro de um sistema”.

Faissol, 1972, destaca o método de diferenciação de áreas de Hartshorne no ponto de ordenar os fatos existentes no espaço de forma racional e classificá-los segundo lugares em que eles ocorram de formas inter-relacionadas, e por este caminho definiu as homogeneidades dos lugares produzindo regiões. Porém Faissol, 1972, este processo levaria a compreensões parciais levando em consideração a forma tradicional dos estudos geográficos de descrição.

Com o método analítico e matemático e possível construir uma matriz e tratar por métodos estatísticos de inter-relações entre os atributos do lugar se levando em conta as variáveis presentes no espaço. Nesta Geografia o estudo do espaço é feito pelas hipóteses e dados quantitativos, os métodos qualitativos são desprezados e se busca um sistema lógico e matemático, o espaço passa a ser concebido a partir de sua representação matricial. A matriz pode ser expressa em “topologias” que apresentam configurações que hierarquizam locais levando as redes geográficas de diferentes naturezas.

Em meados da década de 1970 a revolução quantitativa veio a sucumbir diante de novos horizontes que surgiram com a Geografia Radical que emergiu em resposta aos



fenômenos sociais nos EUA. Nesta década segundo Richard Peet os EUA viviam um momento conturbado com manifestações de massa contra políticas governamentais, defesa dos direitos civis e a Guerra do Vietnã resultantes da contradição do qual o capitalismo se move.

Com o movimento para uma Geografia Nova de cunho qualitativo logo esta caminhou para a radicalização pela necessidade da relevância social, a revista “*Antipode*” abordou temas como: as pobreza regionais urbana, grupos minoritários, acesso à serviços sociais, porém estas abordagens investigavam apenas aspectos superficiais destas questões (PEET, 1982).

Logo a Geografia Radical buscou intervir no processo político e social através de expedições na sociedade para a Investigação Humana, os geógrafos deveriam ir até as áreas mais pobres tornando-se uma pessoa desta região indo de encontro com os problemas sociais. PEET, 1982, destaca que as expedições iriam treinar as pessoas do local com habilidades geográficas para o enfrentamento das desigualdades. Em relação à “*Sociedade para a Investigação Humana*”, esta destacava três ramos: educação, publicações e as expedições para as áreas oprimidas, porém este trabalho de defesa de áreas de desigualdades ainda não era a Geografia Radical, esta logo iria se enveredar para o marxismo.

A Geografia em direção ao marxismo se empenhou na tarefa da elaboração de um método para a análise das contradições sociais no espaço levando ao entendimento deste mecanismo através do materialismo histórico juntamente com o método dialético. A Geografia Radical caminhou para um sistema de ideias na construção de um paradigma para o pensamento geográfico social.

O que os geógrafos marxistas estão começando a construir é uma sofisticada teoria da dialética espacial na qual a descrição óbvia do espaço em centro e periferia é rapidamente ultrapassada a fim de se atingi-se a análise mais complexa das relações espaciais. As relações espaciais são vistas como refletindo as relações sociais; se, nas relações sociais, algumas pessoas trabalhar para sustentar as outras, então no espaço as pessoas da periferia trabalham para sustentar as pessoas dos centros metropolitanos, inevitavelmente estabelecendo contradições e conflitos espaciais (PEET, 1982, p. 244).

Na Geografia Marxista o espaço é movido pelas contradições presentes e por um processo dialético, por exemplo: a existência e manutenção dos países ricos é sustentada a



partir da existência dos países pobres, um é parte do outro, em um processo que se forma através do tempo em um materialismo histórico que se constitui pelos processos sociais que se relacionam pela produção e reprodução da base material da vida.

Outra corrente que surge em oposição ao positivismo foi a Geografia Humanista na década de 1970 no mesmo período que a Geografia Radical, porém sua base é o existencialismo e a fenomenologia. Nesta corrente o espaço geográfico é concebido a partir das relações pessoais e da percepção subjetiva. Na corrente fenomenológica o espaço vivido é colocado como o espaço concreto que é modelado pelas experiências humanas, apresentando elaborações mentais que envolvem valores culturais, relações entre afeto e espaço como abordagem de estudo. Relph, 1979, aborda os conceitos de “*topofilia*” e “*topofobia*” o primeiro a ligação agradável com determinado lugar onde o indivíduo se sente acolhido, no segundo caso a aversão ao lugar que causa horror e medo, o sentimento e a expressão subjetiva de conceber o espaço são ressaltados nesta abordagem. O espaço de experiências foi empregado por Y Fu Tuan que adotou o termo lugar para definir o espaço que é percebido e significado pelas pessoas.

Na década de 1990, desenvolveu-se a chamada nova Geografia Cultural que também valorizou os significados de compreensão do espaço. Porém esta geografia valoriza a experiência individual chamando a atenção para os grupos e relação de poder e é intitulada de corrente científica-política procurando ressaltar a cultura como socialmente construída, constantemente tensionada e negociada pelos grupos sociais.

Ao focar toda uma linha histórica de construção do objeto de estudo para a Geografia é necessário se ressaltar aqui a construção ‘miltoniana’ para espaço geográfico. Milton Santos representa a corrente da Geografia Crítica no Brasil que nasce no final das décadas de 1970, em “*Por uma Geografia Nova*”, lançada em 1978, Santos, considera o espaço como uma instância da sociedade construída e reconstruída através de um processo dialético.

Os debates epistemológicos por muito tempo correram em torno da Geografia como ciência, entretanto o seu objeto ficou esquecido. Santos, 2001, trouxe a importância para a discussão em torno do objeto e método da Geografia como primordial construindo um longo projeto de um sistema de idéias sobre o espaço geográfico. “Trata-se de formular um sistema de conceitos (jamais um só conceito!) que dê conta de todo e das partes em sua interação” (SANTOS, 2001, p. 77).



Santos, 2001, considera o espaço primeiramente como um “conjunto de fixos e fluxos”, os elementos fixos como estradas, pontes, construções, barragens e etc, os fluxos são os movimentos que são condicionados pelas ações.

Há uma interação entre os fixos e os fluxos construindo e reconstruindo o espaço, os fixos que produzem fluxos, e este que levam a reprodução de fixos e vice-versa. Ao aprofundar a discussão Santos, 2001, defini o espaço como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de um sistema de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No decorrer da evolução e da apropriação do espaço o homem cada vez mais substituiu elementos naturais por objetos artificiais que funcionam como uma engrenagem. No sistema de ideias feito por Santos, 2001, os objetos e ações são partes indissociáveis que formam o espaço, onde ambos interagem entre si:

De um lado os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, os sistemas de ações leva a criação de objetos novos ou se realiza sobre os objetos pré-existentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 2001, p 63).

O espaço é o conjunto desta interação entre ações e objetos como processo ou resultado levando a uma multiplicidade de situações e processos. Na sistematização de um sistema de ideias que Santos, 2001, faz sobre o espaço é elaborado um conjunto de conceitos sobre o espaço como um “conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações”.

Assim o espaço pode ser explicado pelas: categorias analíticas internas, recortes espaciais e pelos processos básicos que são externos ao espaço. As categorias analíticas internas são; paisagem, configuração territorial, divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas conteúdo. Entre os recortes espaciais estão: região, lugar, redes e escala. Externos ao espaço são destacados os processos básicos: a técnica, a ação, os objetos, a norma e os eventos a universalidade e a particularidade, a totalidade e totalização, a temporalização e a temporalidade, a idealização e a objetivação, os símbolos e a ideologia.

Cabe aqui algumas definições de alguns conceitos do sistema de ideias de Santos, 2001, começamos pela “configuração territorial”. Para Santos, 2001 a “configuração territorial” é o conjunto de sistemas naturais em uma área, Milton Santos não considera como espaço, mas sendo apenas a materialidade, no espaço esta presente esta materialidade



juntamente com a vida que o anima. Com o desenvolvimento histórico do homem o conjunto de complexos naturais vai sendo moldado pelo homem criando as “próteses” que Santos, 2001, considera como uma extensão do corpo do homem que estende ao espaço. Paisagem é a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão, ou seja, é o conjunto de elementos naturais, porém em uma área mais delimitada. A paisagem é o conjunto de elementos naturais e humanizados, retirando a presença da sociedade, porém a sua dinâmica se dá mais pela ação da sociedade por acumulações e substituições por ação de diferentes sociedades.

Há uma indivisibilidade dos objetos das ações pelo fato de haver um constante movimento produção e reprodução do espaço levando para uma constante sucessão das “formas-conteúdo”, ou seja, o espaço tem objetos com formas, mas também conteúdo que leva a interagir com a estas formas estas com o conteúdo. Com o processo de “totalidade” e possível compreender o movimento das “formas-conteúdo”, sendo que a “totalidade” é processo constante, havendo neste a “totalização” que ao mesmo tempo um processo de unificação, de fragmentação e individualização. Assim os lugares se criam e se recriam novamente onde o condicionante de todo esse processo é a divisão social do trabalho, levando aos Lugares novos “conteúdos” e criando novas “formas”, lavando a constante metamorfose integrando os “objetos” e as “ações” (SANTOS, 2001, p. 25).

Segundo Santos, 2001, os vetores da transformação do espaço, transformação como já mencionada movida pelo processo de produção, são os “eventos”, este que são portadores de um acontecer que dialoga com as “rugosidades” já presentes nos lugares de chegada dos eventos onde a uma união entre tempo e espaço que pode ser retratada com a relação “eventos/rugosidades”.

Com as condições atuais que possibilita uma rápida metamorfose do espaço é necessário se levar em conta o papel das técnicas que estabelecem estas transformações no espaço. O espaço globalizado é concebido como o meio-técnico científico informacional o qual passou por um longo processo até sua totalidade e que ainda caminha por uma totalização permeada pelas categorias aqui destacadas que são partes de um todo movido por um processo dialético.

3 O RURAL E O AGRÁRIO NAS ESPECIFICIDADES DA GEOGRAFIA



O desenvolvimento das ciências modernas no século XIX com o advento da revolução industrial e a doutrina positivista levaram as ciências um caráter fragmentado, dividindo a ciência em vários ramos do conhecimento. Na Geografia há uma fragmentação, esta ciência que se inicia com aspectos de ciência natural com a expressividade de Humboldt, porém a Antropogeografia de Ratzel incorpora o elemento humano na Geografia que com o passar do tempo contribui para a dicotomia da Geografia Física e Humana e dentro destas suas várias especificidades.

Segundo Suzuki, 2007 a Geografia Agrária não passa de meio século como fragmento da ciência “mãe”, porém o conhecimento neste ramo é tão antigo quanto à existência do homem. A Geografia Agrária surge na França por mais que seus fundamentos sejam da Inglaterra ou da Alemanha. Este ramo da Geografia é resultante de múltiplas determinações, tanto de caráter político como técnico e socioeconômico.

Até 1932 os trabalhos que descreviam o rural e a terra não tinham cunho científico feito por cronistas, comerciantes e viajantes com o objetivo de conhecer diferentes áreas do país sendo mais de cunho literário. A Geografia Agrária passa a ser disciplina após a segunda metade do século XX, no Brasil este ramo teve como precursor Pierre Monbeig que assumiu a cátedra de Geografia na Universidade de São Paulo (USP) trouxe a influência da escola francesa em um momento em que o país passava de uma sociedade agrária para urbano industrial. A Geografia Agrária como uma área específica da geografia cai nas tendências contemporâneas de cada período histórico nas abordagens teórico metodológicas do objeto de estudo geográfico: o espaço.

Na década de 1950 a corrente clássica concebia o estudo da paisagem de forma descritiva como Bernardes, 1957, que aborda o problema do estudo do habitat rural no Brasil, onde são abordadas as formas de povoamento rural e os tipos de habitat do rural. O objetivo do estudo era classificar os vários fatores que seriam condicionantes do habitat rural e fazer uma descrição do espaço agrário neste aspecto, outro estudo é apresentar as características da “*roça e da fazenda no Brasil*”, através da descrição demonstra os principais aspectos da roça conceitualizando e classificando através de seus elementos físicos e culturais.

O que se nota é que a abordagem de Bernardes na escola clássica da Geografia buscou o rigor descritivo e a classificação dos elementos rurais, um trabalho de sistematização dos aspectos do rural brasileiro.



Após a década de 1950 não havia um pensamento único em torno da Geografia Agrária pelo surgimento de uma nova realidade econômica de caráter urbano/industrial resultando em uma complexidade de relações levando a necessidade de definição de novos campos.

Neste período há várias contribuições de diferentes áreas onde o estudo do rural era vista por alguns como um ramo da economia ou como disciplina autônoma para os outros, porém o estudo do rural ganhou força dentro da Geografia. As categorias de análise que predominaram foram: os Estudos Econômicos (dados estatísticos), estudos ecológico-físicos (forma do terreno, clima, tipo de solo), estudos sobre as formas espaciais da agricultura (paisagem resultado da ação humana). Segundo BRAY, 2007, neste período a abordagem do espaço agrário se pautava no determinismo que explicava o nosso atraso em relação às nações industrializadas se baseando até a década de 60 no determinismo e no funcionalismo culturalista. BRAY, 2007, destaca o atrelamento à realidade e papel da Geografia Agrária juntamente com demais estudiosos da agricultura brasileira no contexto do movimento da sociedade.

Na década de 1960, a abordagem espacial agrária se pautou nos sistemas organicistas que privilegiaram o método teórico quantitativo recebendo influências do neopositivismo. Rivaldo Pinto de Gusmão com o “*Estudo da Organização agrária da região Sul através de uma análise fatorial*”, buscou diferenciar as principais linhas de diferenciação da organização agrária da regional e identificar os grupos e unidades observacionais que apresentam características similares na atividade agrária e com relação aos aspectos considerados. Gusmão, 1974, levanta 35 variáveis para análise de similaridades levando a sete fatores e 21 tipos de similaridades na região Sul.

A partir da década de 1970 a Geografia Agrária passou a se vincular a geografia nacional e deixar de lado os paradigmas da geografia americana e europeia é abandonada a neutralidade buscando novas orientações para a realidade agrária. Neste momento o espaço agrário é marcado por mudanças, a modernização da agricultura, a migração campo-cidade, o acirramento da concentração de terras, conflitos sociais. Assim este é período vem a tona a Geografia Radical que Segundo Ferreira, 2000, a interpretação do espaço esta em dois pontos: o modo de produção e a formação econômico social, expressões utilizadas para as relações de produção e lutas de classes, que são movidas pela divisão social do trabalho.

Na década de 80 com a redemocratização e reorganização dos movimentos sociais o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) a UDR (União Democrática Ruralista) ganharam amplitude na sua dimensão espacial. Ariovaldo Umbelino de Oliveira trabalha com a dinâmica do modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária, destacando as relações de produção no espaço.

Bernardo Mançano Fernandes ao abordar o MST o destaca como movimento socioespacial e socioterritorial. Fernandes, 2008, ressalta os processos geográficos que produzem espaços, lugares, territórios, regiões e paisagens, com o movimento das propriedades do espaço como expansão, fluxo, refluxo, multidimensionamento, criação e destruição. Neste contexto a expansão e criação de territórios são representados pela territorialização. Através deste processo e das relações sociais, acontecendo à expansão, destruição, criação e refluxo. Fernandes, 2008, chama este processo geográfico de TDR (territorialização, desterritorialização e reterritorialização).

Na década de 1990 com as ondas neoliberais e uma espacialização que segue as tendências do “meio técnico científico informacional” a Geografia foi orientada para as características contemporâneas que se incorporam no espaço. Surgem novas abordagens sendo pragmáticas ou polêmicas na agropecuária, abordando a legislação ambiental, os produtos orgânicos, os transgênicos enfim o mercado mundial dita o que fazer.

Através da abordagem de Milton Santos é possível destacar uma expansão dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações que dota o território de fluidez para os investimentos produtivos redimensionando os fatores clássicos resultando em uma nova organização espacial no campo. A ampliação do consumo de forma globalizada levou a implementação do agronegócio o que leva a fragmentação do espaço agrícola com seu caráter espacialmente seletivo e excludente (ELIAS, 2007). O espaço agrário (ou rural) passa a ser comandado por grandes corporações, empresas globais (FAJARDO, 2008). Neste processo há uma urbanização que se interiorizou com a expansão do agronegócio, e a forte atuação de um sistema técnico agrícola com máquinas, insumos e biotecnologia.

Com o processo de expansão do meio técnico científico informacional, segundo Elias, 2007, ocorreu uma metamorfose do espaço rural com verdadeiros sistemas de objetos associados à eletrificação, armazenagem, irrigação, transportes, telecomunicações, saneamento e pesquisa dotando o espaço agrícola de fluidez para as empresas hegemônicas do setor. O motor de expansão de fixos e fluxo no campo e a divisão social do trabalho que com



a territorialização do agronegócio leva a fragmentação do espaço rural com a refuncionalização do lugar com seletividade de espaços que de acordo com as “rugosidades” e os “eventos” se tornam pontos modernizados, quando mais modernizado o agronegócio maior é a sua complexidade vista nos pontos luminosos (ELIAS, 2007).

De acordo com Elias, 2007, com a seletividade do espaço ocorre um choque com pequeno proprietário que não se encaixa na cadeia produtiva modernizada, assim como ocorreu na chamada revolução verde da década de 70, acarretando na expropriação do pequeno agricultor que deve ser considerada na expansão do agronegócio. As cidades do campo se transformam em cidades do agronegócio se dinamizando em uma nova lógica movida pelo sistema de produção que tem sua espacialização no rural quebrando os principais paradigmas que marcam profundamente a vida social e econômica do país como a clássica dicotomia de cidade e campo que se dilui em parte, reorganizando em uma dialética.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de espaço geográfico foi demonstrando a partir das diferentes correntes, matrizes filosóficas e o contexto em que esta inserida as diferentes abordagens. A abordagem do espaço agrário como fragmento ou subárea da geografia segue as variadas tendências de conceitualização do espaço de acordo com metodologia e fundamentação empregada no estudo do rural.

No contexto do espaço com a Geografia Agrária foi destacado alguns trabalhos como o caso de Nilo Bernardes sobre “*A roça e a fazenda no Brasil e o problema do estudo do habitat rural no Brasil*” foi possível verificar os traços da geografia clássica nestes textos como a descrição e a classificação dos elementos do espaço. Com Gusmão, 1974, se destacou a abordagem quantitativa do espaço agrário na elaboração de categorias, variáveis, fatores e tipos de classificação pelas atividades agrárias na região do Sul.

Após o período de quantificação da geografia o contexto foi marcado por profundas transformações no campo pela chamada revolução verde, a modernização agrícola com advento dos insumos, maquinários e novas técnicas a serem empregadas no espaço e a mobilidade populacional com o êxodo rural marcaram a geografia pós década de 70 até o



início da década de 90. Neste período foram empregadas diferentes abordagens da descrição indo para a abordagem quantitativa dos números de estabelecimentos, de maquinários, ocupação do solo, mobilidade populacional até chegarmos à abordagem marxista onde o espaço rural é analisado por meio da divisão social do trabalho e suas variantes.

Em meados da década de 1980 e pós 1990 a abordagem dos movimentos sócias no campo como as ocupações do MST e o latifúndio, o espaço analisado através do conceito de território que se entende pela apropriação do espaço pelas relações de poder que se dá em processo constante. Nas temáticas contemporâneas as abordagens caminham para todas as vertentes que o mercado privilegia ou influencia como a biotecnologia, a legislação ambiental, agricultura familiar e o agronegócio.

Como tendência contemporânea de abordagem da espacialidade agrária se destacou a abordagem do espaço rural globalizado com a expansão dos “*fluxos e fixos*” no campo feito por Denise Elias utilizando o sistema de ideias “*miltoniano*” que foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho, o trabalho de Elias, 2007, demonstra como a abordagem do espaço segue as tendências contemporâneas e aplicabilidade da abordagem *miltoniana* para o espaço agrário.

O espaço geográfico como o objeto da geografia é apresentado de forma multidimensional e como afirma Corrêa, 2003, aceitar esta multidimensionalidade e aceitar as praticas sociais distintas que permitem construir diferentes conceitos de espaço, ou seja, o espaço é construído e reconstruído por diferentes práticas e a sua abordagem também levando ao mesmo tempo uma fragmentação de sua essência e a uma diversidade que enriquece o estudo do espaço que é múltiplo e uno na sua natureza.

É necessário destacar o pluralismo que a Geografia Agrária tem seguido no momento atual, assim como os outros ramos da ciência como característica das tendências dos modismos acadêmicos juntamente com a influência de autores não-geógrafos. O pluralismo ao mesmo tempo em que traz um enriquecimento ao debate científico neste ramo do saber carrega a preocupação de como garantir o suporte a este ramo do saber de forma que não acarrete em descaminhos da matriz teórica geográfica.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BERNARDES, Nilo. **O problema do estudo do Habitat Rural no Brasil.** In: Boletim Carioca de Geografia. Associação dos geógrafos brasileiros, secção regional. Ano X, nº. 1 e 2. Rio de Janeiro – RJ, 1957.

BERNARDES, Nilo. **Sobre a roça e fazenda no Brasil.** In: Boletim Carioca de Geografia. Associação dos geógrafos brasileiros, secção regional. Ano XI nº. 3 e 4. Rio de Janeiro – RJ, 1958.

BRAY, Silvio Carlos. **Perspectivas teórico metodológica da geografia agrária.** In: MARAFON, Abordagem teórico metodológico em Geografia Agrária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CASTRO, Iná Elias de Castro, GOMES, Paulo Cezar da Costa, CORRÊA. **Geografia: Conceitos e Temas.** Roberto Lobato. – 6ª Ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas de Geografia.** São Paulo – SP: Difel, 1982.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da Geografia.** In: Geografia: Conceitos e Temas / organizado por Iná Elias de Castro, Paulo Cezar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. – 6ª Ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.

ELIAS, Denise. **Meio técnico científico informacional e a reorganização do espaço agrário nacional.** In: MARAFON, Abordagem teórico metodológico em Geografia Agrária. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2007.

ELIAS, Denise. **Globalização e Agricultura. A região de Ribeirão Preto – SP.** São Paulo: EdUSP, 2003.

FAISSOL, Speridião. **Problemas geográficos brasileiros.** In: Revista brasileira de geografia. Rio de Janeiro. 34 (1): 145 – 164. Jan. mar. 1972.

FAJARDO, Sergio. **Territorialidades corporativas no rural paranaense.** Guarapuava: Editora da Unicentro, 2008.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação e territorialização do MST no Brasil: 1975 – 2005.** In: MARAFON, Abordagem teórico metodológico em Geografia Agrária. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2007.



FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. **O mundo sob o ponto de vista geográfico: as trajetórias da geografia agrária brasileira da década de 30 à de 90.** In: Geografia, Rio Claro, vol. 25(1): 55-79, abril 2000.

GUSMÃO, Rivaldo Pinto de. Estudo **da organização agrária da região Sul através de uma análise fatorial.** In: Revista Brasileira de Geografia. Ano 36, nº 1. Janeiro e março. 1974.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da geografia.** - 2ª ed.- São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978.

LA BLACHE, Paul Vital de La. **As características próprias da geografia.** In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. Perspectivas de Geografia. São Paulo – SP: Difel, 1982.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena historia crítica.** – 19ª Ed. – São Paulo: Annablume, 2003.

PEET, Richard. **O desenvolvimento da Geografia Radical nos Estados Unidos.** In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. Perspectivas de Geografia. São Paulo – SP: Difel, 1982.

RATZEL, F. **Antropogeografia.** In: Geografia. Org. A.C.R. Moraes. São Paulo - SP: Ática, 1990.

RELPH, Edward C. **As bases Fenomenológicas da Geografia.** In: Geografia, 4 (7): 1-25, abril 1979.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** – 4ª ed. 4ª reimpressão . – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SUZUKI. Júlio Cezar. **Geografia agrária: gênese e diversidade.** In: MARAFON, Abordagem teórico metodológico em Geografia Agrária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

